

EU SOU ... TOXICÔMANO***Véra Motta**

Assinala-se o caráter performativo do dito “Eu sou ... toxicômano”, caracterizando-o como ato, ou seja, no plano do enunciado para, em seguida, alçá-lo à condição de enunciação. A hipótese aqui estabelecida é : tal enunciado, no seu caráter de performância, e submetido às condições próprias da enunciação, realiza a dimensão do agir freudiano, que outro não é senão o discurso pessoal, em que enunciado e enunciação se confundem. A implicação formal desse dito é estatuir-se um eu. Fragmento clínico ilustra a situação.

Performatividade

Examinadas as condições de Performatividade em Benveniste (1976), verificamos que duas delas podem se aplicar à sentença “Eu sou .. toxicômano”:

- um enunciado performativo é aquele no qual ele só o é de maneira inaparente, porque só implicitamente é atribuído à autoridade habilitada para produzi-lo. Trata-se de ato de autoridade.
- um enunciado performativo é aquele no qual o enunciado não emana de um poder reconhecido, mas propõe um compromisso pessoal para aquele que o enuncia.

Trata-se de uma sentença formulada por um sujeito que fala, a um outro que o escuta. Numa instituição de tratamento de drogas, aquele que enuncia “Eu sou toxicômano” habilita-se como autoridade para enunciar-la, e seu dito toma o caráter de um ato. Ao mesmo tempo, supõe um compromisso, que se converte em prática, tão logo se enuncie.

Com o fim de verificar a aplicação de tais pressupostos, Benveniste, igualmente, estabelece três Condições de Validade do Performativo, a seguir:

- o performativo só tem realidade se autenticado enquanto ato. Fora das circunstâncias que o tornam performativo, esse enunciado não é mais nada.
- sendo um ato, tem a propriedade de ser único, ou seja, só pode ser efetuado em circunstâncias particulares, numa data e lugar precisos. É auto-referencial, relacionando-se à realidade que ele próprio constitui, pelo fato de ser efetivamente enunciado em condições tais que o tornam ato.
- é performativo na medida em que denomina o ato performador, pelo fato de Ego pronunciar uma fórmula que contém o verbo na primeira pessoa do presente.

“Eu sou ... toxicômano” é uma sentença que, para ser enunciada, depende de pessoa enunciativa - alguém que se habilita, enquanto autoridade - e de circunstância de enunciação - instituição de tratamento de drogas. É um dito que se refere a uma realidade constituída a partir do próprio ato de enunciar, ou seja, Ego pronuncia a fórmula que contém o verbo na primeira pessoa do presente, “sou”. Nomeia-se a performância de palavra - ser toxicômano - e o seu performador - ego. Diversamente do dito “Eu sou alcoolista”, enunciado em circunstâncias do social, para querer dizer “Eu não bebo”, o enunciado “Eu sou toxicômano” é realizado numa situação particular, em que se reafirma a condição, identificando o sujeito ao referente : quem enuncia “eu” deve realizar, na prática, o uso de drogas.

Dizer, agir

Benveniste (1989), um dos lingüistas que melhor precisaram as noções relativas à enunciação, considera-a no quadro formal de sua realização. Em primeiro lugar, ela introduz um locutor, aquele que fala, e, em seguida, ela postula um alocutário, aquele a quem se fala. Nesse processo, o eu ouvinte permanece, entretanto, presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar significativa a enunciação do eu locutor. Interessa ao aparelho lingüístico da enunciação não apenas a emergência dos índices de pessoa, como também as formas verbais, cuja forma axial, o “presente”, coincide com o momento da enunciação, e integra o aparelho necessário.

Barthes (1984), por sua vez, assinala que a enunciação é um processo inteiramente vazio, que funciona à perfeição, sem precisar de ser preenchido pela pessoa dos interlocutores; o eu não é senão aquele que diz eu. A linguagem conhece um “sujeito”, não uma pessoa, e esse sujeito, vazio fora da própria enunciação que o define, basta para fazer “suportar” a linguagem.

Todorov (1970) estabelece que, para descrever um processo de enunciação, não é suficiente verificar as circunstâncias presentes no ato de fala : é preciso reconstruir a história da enunciação, pois cada enunciação é o resultado de uma série de transformações de uma primeira enunciação. Recorre a uma certa situação discursiva particularmente cara à psicanálise, a da própria cura, onde, no seu interior, a transferência faz aparecimento. Para este autor, a transferência é a introdução de elemento da enunciação no enunciado, um fenômeno de duas faces: é a repetição de algo antigo e, ao mesmo tempo, a integração do momento presente.

Essa é a marca essencial do discurso que ele designa de pessoal, que exige, para sua realização, a presença ativa de dois protagonistas, constituindo o discurso da repetição, propriamente dita, centrado no presente, em que o paciente revive, atua, ao invés de recordar. É, mais exatamente, o agir freudiano: “(...) o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*)” (Freud, Recordar, repetir e elaborar, p.196). Ou ainda : “Quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação (*acting out*) (repetição) substituirá o recordar(...)”(id., p.197). Em Cinco lições de psicanálise, Freud (1970) comenta: “Aquele trecho da vida sentimental cuja lembrança já não pode evocar, o paciente torna a vivê-lo nas relações com o médico”(p.47). Em 1940, retorna ao tema, afirmando: “(...) o paciente produz perante nós, com clareza plástica, uma parte importante da história de sua vida(...) Ele a representa diante de nós, por assim dizer, em vez de apenas nos contar”(p.203).

Ao agir de Freud, contrapõe-se, portanto, o recordar, ou, em outras palavras, o dizer. Trata-se, aqui, não mais de repetição, mas de rememoração, o que implica a fala, na diacronia das relações significantes, a história em narração. O elemento do passado, apenas assinalado no discurso pessoal, é aqui tomado em causa. É um discurso que não contém referências à situação de enunciação, e o eu que aparece, ainda que se trate da mesma

pessoa do eu que fala, é um eu com valor indicial enfraquecido. Corresponde ao discurso impessoal, assim chamado porquanto separa o enunciado da enunciação, ao passo que o discurso pessoal tende a confundi-los.

Com relação ao dito “Eu sou ... toxicômano”, já assinalamos que ele somente se estabelece a partir de pessoa e circunstâncias muito particulares, no aparelho formal da enunciação. O sujeito que fala confunde-se com o sujeito de quem se fala, de tal forma que essa correferencialidade limita o discurso a dois termos, desaparecendo o terceiro. O sujeito a quem se fala é a condição de introdução desse dito ou enunciado no plano da enunciação . Designando esse fenômeno de transferência, Freud reconheceu aí o que Todorov identifica como marca do discurso pessoal: na transferência ao analista, o analisando promove a cisão do tu em ele (objeto do enunciado) e em tu propriamente, o alocutário, o analista.

Implicação e Identidade

Se dois enunciados se combinam mediante a colocação da palavra “se” antes do primeiro e a inserção da palavra “então” entre eles, o resultante enunciado composto é um condicional, também chamado de enunciado hipotético, implicativo ou uma implicação. Num enunciado condicional, o componente que se encontra entre o “se” e o “então” tem o nome de antecedente (ou o implicante ou - raramente - a prótase) e o componente que se segue à palavra “então” tem o nome de conseqüente (ou o implicado, ou - raramente - a apódose).

Neste sentido, um enunciado condicional afirma que seu antecedente implica seu conseqüente. Não afirma que seu antecedente seja verdadeiro, mas unicamente que, se seu antecedente for verdadeiro, então seu conseqüente também será verdadeiro. Tampouco afirma que o conseqüente é verdadeiro, mas apenas que o conseqüente é verdadeiro se o antecedente o for. O significado essencial de um enunciado condicional reside na relação de implicação que se afirma existir entre o antecedente e o conseqüente.

Ora, posta a sentença “Eu sou ... toxicômano” por um sujeito, nas condições especificadas acima, e diante de um outro, que o escuta, em condições particulares, arriscamos

estabelecer uma combinação tal que, a esta sentença, se aponha uma outra, conformando uma implicação. Desse modo, podemos asseverar que

Se eu sou ... toxicômano, logo ... sou,

em que a sentença “Eu sou ... toxicômano”, constituindo o antecedente ou o implicante, admite, nas condições de pessoa e circunstâncias enunciadoras, o conseqüente ou implicado “Logo ... sou”, em que se afirma a existência do eu do sujeito. Vimos, no discurso pessoal, que esse eu aparece fortalecido e mesmo duplicado : é o eu que fala e, ao mesmo tempo, é o eu de quem se fala.

Johann Gottliebe Fichte, filósofo alemão (1762-1814), entre os Princípios de Toda a Doutrina da Ciência, estabelece, como primeiro, o princípio pura e simplesmente incondicionado, embora advirta que este, se deve ser absolutamente primeiro, não se deixa provar nem determinar. Ele deve exprimir aquele estado-de-ação (*Tathandlung*), que não aparece nem pode aparecer entre as determinações empíricas de nossa consciência, mas que, pelo contrário, está no fundamento de toda consciência, e é o único que a torna possível.

Na proposição “eu sou eu”, Fichte considera que o eu está pura e simplesmente posto. Suponha-se que o eu que, nesta proposição, está no lugar do sujeito formal, signifique o pura e simplesmente posto; e o que está no lugar do predicado, o que é; então, pelo juízo pura e simplesmente válido de que ambos são plenamente um, é enunciado, ou posto pura e simplesmente : o eu é porque se pôs. O eu na primeira significação e o eu na segunda significação devem ser pura e simplesmente iguais entre si. Pode-se, portanto, inverter a proposição acima e dizer: o eu põe a si mesmo pura e simplesmente porque é. Ele se põe por seu mero ser e é por seu mero estar-posto.

Isso conduz Fichte a uma definição do eu como sujeito absoluto. Aquilo cujo ser (essência) consiste meramente nisto: que ele põe a si mesmo como sendo é o eu, como sujeito absoluto. Assim que se põe, ele é, assim que é, ele se põe; e portanto, para o eu, o eu é pura e simplesmente, e necessariamente. O que para si mesmo não é, não é um eu. O eu puro fichtiano designa uma consciência transcendental, isto é, uma estrutura universal,

independente das consciências individuais e tomada como pura atividade : encerra em si a estrutura de todo e qualquer conhecimento teórico, ao mesmo tempo que o fundamento de toda e qualquer ação prática do homem.

À sua análise do eu, Fichte empregou a expressão “doutrina da ciência”, que aborda o eu mediante uma intuição intelectual, que apreende sua estrutura e descobre seus princípios. O primeiro princípio constitutivo, que examinamos brevemente acima, é uma versão metafísica do princípio de identidade lógica, segundo o qual A é igual a A. Aplicado por Fichte, o princípio se formula nos seguintes termos: “O eu põe a si mesmo como sendo”. Em termos lógicos se diria: o A que é, é idêntico ao A que é posto; outra forma seria a seguinte: se A é posto, é.

A partir do princípio primeiro, poderíamos estabelecer, com relação à sentença “Eu sou ... toxicômano”, enunciada sob a forma da implicação,

Se eu sou ... toxicômano, logo ... sou

uma equivalência com o primeiro princípio constitutivo do eu : o eu que se põe e o eu que é são plenamente iguais, são um e o mesmo. O eu é aquilo, como o que ele se põe; e se põe como aquilo que ele é. O toxicômano é como o que ele se põe, na instância discursiva da transferência, e se põe aí como aquilo que ele é. Devemos pensar, para clarear um pouco nossa proposição, que o toxicômano é um raro sujeito que se põe, dizendo o que é, diferentemente do neurótico comum, que jamais enuncia num dito seu estado-de-ação.

Fragmento de caso clínico

Paciente com uso discreto, porém regular, de maconha, vem queixar-se dos “brancos”, expressão com que designa a falta de memória, em sua exigência por concluir sua dissertação de mestrado. Demanda um imperativo de abstinência no início do tratamento, garantia que pede ao Outro pela sua apresentação. Mãe dependente de psicotrópicos, pai neurótico de guerra : foi piloto combatente. A droga ocupa o lugar de cola; vê-se colada à imagem da mãe. Não pensa jamais em ser uma mãe, mas sim um pai, o que a leva de volta

ao passado, à rememoração, aos tempos em que voava com ele. Seu objeto de amor não tem substância, ela não se vê nele. É uma mulher, que a trai com os homens.

A entrada na transferência, ou a passagem de um discurso impessoal para um discurso pessoal, coloca-a na trilha da cocaína, passando, a partir daí, a fazer uso constante do produto. Vem à sessão drogada, revelando o fato na sessão seguinte, com uma justificativa: cheira para vir, pois estar “de cara”, expressão com que designa a abstinência, não lhe permite falar, rememorar. Mortifica-se, continuamente, diante da exigência de abstinência, e suas manobras não fazem senão ratificar o uso e a ruptura do compromisso.

O trajeto de sua cura permite-nos verificar a incidência, num primeiro momento, do discurso impessoal, da rememoração sem sujeito. A entrada na transferência, e a conseqüente assunção de subjetividade, situação discursiva que introduz o elemento da enunciação no enunciado “Eu sou ... toxicômana” realiza, como efeito, a emergência de um discurso pessoal. A lembrança cede lugar à atuação, e a prática não só se diversifica, como se intensifica. Esse momento de desequilíbrio é sucedido, por sua vez, por um momento de novo equilíbrio, quando aparece, no enunciado, aquilo que provoca a transferência. A rememoração que aí acontece é de outra ordem que não a primeira. Há como uma evacuação da subjetividade, e o sujeito não mais se reconhece o mesmo, pois é um sujeito transformado pelo ato. A balança se mantém, e só no horizonte se vislumbra um dizer que subordine um agir, em que pese o fato de ser o dizer um agir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *O Rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984

BENVENISTE, Emil. A filosofia analítica e a linguagem. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976

_____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, S.P. : Pontes, 1989

FICHTE, Johann Gottliebe. A doutrina-da ciência de 1794 e outros escritos. São Paulo, Abril Cultural, 1980 (Os Pensadores)

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise. In: _____. Edição Standard Brasileira das

Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v.XI . Rio de Janeiro: Imago, 1970.

_____. Esboço de psicanálise. *op. cit.* v. XXIII .Rio de Janeiro: Imago, 1975

_____. Recordar, repetir e elaborar. *op. cit.* v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969

TODOROV, Tzvetan. Freud sur l'énonciation. *Langages 17*, Paris, 1970, p.34-41.

* Cartel declarado à Escola Brasileira de Psicanálise-Seção Bahia. Membros: Ester Gelman, Jairo Gerbase, Maria Luíza Miranda-Mais Um, Sonia Vicente e Véra Motta. Relato apresentado por Véra Motta na II Jornada do Instituto do Campo Freudiano, "Del hacer al decir en la clínica de la toxicomanía y del alcoholismo", realizado em Buenos Aires a 23 de julho de 1996.